GAMA
n.3

Estudos Artísticos, janeiro–junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA–FBAUL

GAMA
n.3

Estudos Artísticos, janeiro–junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA–FBAUL

Revista **GAMA**, Estudos Artísticos,
Volume 2, número 3, janeiro-junho 2014,
ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725

Revista internacional com comissão científica
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa & Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes

Revista **GAMA**, Estudos Artísticos,
Volume 2, número 3, janeiro-junho 2014,
ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725
Ver arquivo em › gama.fba.ul.pt

Revista internacional com comissão científica
e revisão por pares (sistema *double blind review*)

Faculdade de Belas-Artes da Universidade
de Lisboa & Centro de Investigação
e de Estudos em Belas-Artes

Revista indexada nas seguintes plataformas científicas:

- DOAJ / Directory of Open Access Journals
  › www.doaj.org
- SHERPA / RoMEO › www.sherpa.ac.uk
- EBSCO host (catálogo) › www.ebscohost.com
- Open Academic Journals Index
  › www.oaji.net
- GALE — Cengage Learning / Informe académico
  › www.cengage.com

Revista aceite nos seguintes sistemas de resumos biblio-hemerográficos:

- CNEN / Centro de Informações Nucleares,
  Portal do Conhecimento Nuclear «LIVRE!»
  › portalnuclear.cnen.gov.br

Periodicidade: semestral
Revisão de submissões: arbitragem duplamente cega por Pares Académicos
Direção: João Paulo Queiroz
Relações públicas: Isabel Nunes
Assessoria: Pedro Soares Neves
Logística: Lurdes Santos
Gestão financeira: Cristina Fernandes, Isabel Pereira, Andreia Tavares

Propriedade e serviços administrativos:
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / F +351 213 470 689
Crédito da capa: Sobre obra de Matilde Grau, *E pluribus unum*, porcelana, 165 cm ø, 2007.
Projeto gráfico: Tomás Gouveia
Paginação: Tomás Gouveia, Inês Chambel
Impressão e acabamento: Grafilinha, Lda.
Tiragem: 500 exemplares
Depósito legal: 355912 / 13
PVP: 10€
ISSN (suporte papel): 2182-8539
ISSN (suporte eletrónico): 2182-8725
ISBN: 978-989-8300-87-4

Aquisição de exemplares, assinaturas e permutas:

Revista Gama
Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa / Centro de Investigação e de Estudos em Belas-Artes — Largo da Academia Nacional de Belas-Artes, 1249-058 Lisboa, Portugal
T +351 213 252 108 / **F** +351 213 470 689
Mail: congressocso@gmail.com

CSO CONGRESSO INTERNACIONAL

LISBOA UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE BELAS-ARTES · LISBOA · PORTUGAL · 1836

CIE B.A

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

Caixa Geral de Depositos

CONSELHO EDITORIAL /
PARES ACADÉMICOS DO NÚMERO 3
Pares académicos internos:

Artur Ramos
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

João Paulo Queiroz
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

Luís Jorge Gonçalves
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Faculdade de Belas-Artes).

Margarida P. Prieto
(Portugal, Universidade de Lisboa,
Centro de Investigação e de Estudos
em Belas-Artes).

Pares académicos externos:

Almudena Fernández Fariña
(Espanha, Facultad de Bellas Artes de
Pontevedra, Universidad de Vigo).

Álvaro Barbosa
(China, Macau, Universidade de São
José (USJ), Faculdade de Indústrias Criativas)

António Delgado
(Portugal, Intituto Politécnico de Leiria,
Escola Superior de Artes e Design).

Aparecido José Cirilo
(Brasil, Universidade Federal do Espírito
Santo, Vitória, ES).

Carlos Tejo
(Espanha, Universidad de Vigo,
Facultad de Bellas Artes de Pontevedra).

Cleomar Rocha
(Brasil, Universidade Federal de Goiás,
Faculdade de Artes Visuais).

Francisco Paiva
(Portugal, Universidade Beira Interior,
Faculdade de Artes e Letras).

Heitor Alvelos
(Portugal, Universidade do Porto,
Faculdade de Belas Artes).

Joan Carlos Meana
(Espanha, Universidad de Vigo,
Facultad de Bellas Artes de Pontevedra).

Joaquim Paulo Serra
(Portugal, Universidade Beira Interior,
Faculdade de Artes e Letras).

Joaquín Escuder
(Espanha, Universidad de Zaragoza).

Josep Montoya Hortelano
(Espanha, Universitat de Barcelona,
Facultat de Belles Arts).

Josu Rekalde Izaguirre
(Espanha, Universidad del Pais Vasco,
Facultad de Bellas Artes).

Maria do Carmo Freitas Veneroso
(Brasil, Universidade Federal
de Minas Gerais (UFMG), Escola
de Belas Artes.

Marilice Corona
(Brasil, Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes).

Maristela Salvatori
(Brasil, Universidade Federal do Rio
Grande do Sul, Instituto de Artes).

Mònica Febrer Martín
(Espanha, artista independente).

Neide Marcondes
(Brasil, Universidade Estadual Paulista,
UNESP).

Nuno Sacramento
(Reino Unido, Scottish Sculpture
Workshop, SSW).

Orlando Franco Maneschy
(Brasil, Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte).

GAMA
n.3

Estudos Artísticos, janeiro–junho 2014
semestral / ISSN 2182-8539 / e-ISSN 2182-8725

CIEBA–FBAUL

Resgatar memórias, reviver olhares, e trilhar os caminhos da arte
JOÃO PAULO QUEIROZ

Retrieving memories, reviving perspectives, endeavouring the paths that lead to art
JOÃO PAULO QUEIROZ
14-18

1. Artigos originais

1. Original articles
20-223

Eustáquio Neves: arte e resistência
SANDRA M. LÚCIA PEREIRA GONÇALVES

Eustáquio Neves: art and resistance
SANDRA M. LÚCIA PEREIRA GONÇALVES
20-26

Un reencuentro con la cerámica en la escultura de Matilde Grau
ALAITZ SASIAIN CAMARERO-NUÑEZ

A return back to ceramics in Matilde Grau's sculpture
ALAITZ SASIAIN CAMARERO-NUÑEZ
27-34

Azulejos murais na contemporaneidade: Um estudo de caso da artista plástica Marian Rabello
MARCELA BELO GONÇALVES
& CILIANI CELANTE ELOI JERÔNYMO

Mural tiles at contemporary times: a study of the artist Marian Rabello
MARCELA BELO GONÇALVES
& CILIANI CELANTE ELOI JERÔNYMO
35-42

Reinaldo Eckenberger: imagens petrificadas de desejos e jogos da imaginação
ERIEL DE ARAÚJO SANTOS

Reinaldo Eckenberger: petrified images of desires and games of imagination
ERIEL DE ARAÚJO SANTOS
43-51

Ancestralidade, memória e arquivo: apontamentos sobre os projetos de Vieira Andrade
PAULA CRISTINA SOMENZARI ALMOZARA

Ancestrality, memory and archive: notes about Vieira Andrade's projects
PAULA CRISTINA SOMENZARI ALMOZARA
52-60

Mineiros de Butiá: um registro histórico e social gravado em xilogravuras
NORBERTO STORI

Miners of Butiá: an historical and social record on wood engravings
NORBERTO STORI
61-67

Máscara e Medo na Obra "Tipos do Mar" do Pintor Evaristo Valle
MAXIMILIANO FRANCISCO GUTIEZ

Masks and fear in the artwork 'Types from Sea" from painter Evaristo Valle
MAXIMILIANO FRANCISCO GUTIEZ
68-74

Ocaña, el pintor travesti de las Ramblas de Barcelona
MARÍA BETRÁN TORNER

Ocaña, the Barcelona's Ramblas transvestite painter
MARÍA BETRÁN TORNER
75-81

Fiesta y cultura popular en la obra de Ocaña. Una reinterpretación contracultural
JOSÉ NARANJO FERRARI

Fiesta and popular culture in Ocaña´s work. An alternative reinterpretation
JOSÉ NARANJO FERRARI
82-92

A memória e a ruína em Ulysses
MÔNICA PEREIRA JUERGENS AGE

The memory and the ruin in Ulysses
MÔNICA PEREIRA JUERGENS AGE
93-100

Paulo de Cantos: Máquina de Ensinar Pelo Desenho
MARIA R. N. DE A. E CASAL PELAYO

Paulo de Cantos: Teaching Machine Through Drawing
MARIA R. N. DE A. E CASAL PELAYO
101-110

Herramientas matemáticas en la lectura de obras de arte complejas: Los grupos de Klein y la poesía visual de Joan Brossa
MANUEL ARAMENDÍA ZUAZU

Mathematical tools for the reading of complex art works: Klein's groups and the visual poetry of Joan Brossa
MANUEL ARAMENDÍA ZUAZU
111-120

A distensão do tempo e da memória nos livros/objeto de Fernando Augusto
ALMERINDA DA SILVA LOPES

The distension of time and memory in the books/object of Fernando Augusto
ALMERINDA DA SILVA LOPES
121-130

Cartografias de si: a partir do livro de artista *One Week* (2011) de Isabel Baraona
JOANA GANILHO HENRIQUES MARQUES

Cartographies of itself: from One Week (2011) by Isabel Baraona
JOANA GANILHO HENRIQUES MARQUES
131-138

Objetos de estimação, os estranhos e enigmáticos relicários de Jeanete Musatti
ROSELI APARECIDA DA SILVA NERY

Affective objects, strange and enigmatic reliquaries of Jeanete Musatti
ROSELI APARECIDA DA SILVA NERY
139-149

Danuta Wojciechowska e a emoção da cor
CRISTINA M. MARQUES BATISTA SALVADOR

Danuta Wojciechowska and the thrill of color
CRISTINA M. MARQUES BATISTA SALVADOR
150-157

Paulo Nazareth e os folhetos "Aqui é arte"
RAFAEL PAGATINI

Paulo Nazareth and leaflets "Here is art"
RAFAEL PAGATINI
158-163

O Campo Expandido nas Obras de Leda Catunda ANDREISSE SABADIN & SONIA MONEGO	**The Expanded field in the artwork of Leda Catunda** ANDREISSE SABADIN & SONIA MONEGO	164-170
Rodrigo Oliveira: Monopólio da pureza desalinhada PEDRO FILIPE RODRIGUES POUSADA	***Rodrigo Oliveira: Monopoly of the unaligned purity*** PEDRO FILIPE RODRIGUES POUSADA	171-179
Adrienne Salinger, microhistorias y *Living Solo* M. MONTSERRAT LÓPEZ PÁEZ	***Adrienne Salinger, microhistories and* Living Solo** M. MONTSERRAT LÓPEZ PÁEZ	180-189
La temporalidad y sus espacios. La fotografía como lugar de acontecimiento JOAQUIM CANTALOZELLA PLANAS	***Temporality and its spaces. The photography as event's place*** JOAQUIM CANTALOZELLA PLANAS	190-201
Uaré tinta: a pintura como investigação na obra de Moisés Crivelaro CRISTIANE HERRES TERRAZA	**Uaré tinta (air is ink) — *painting as research in the work of Moses Crivelaro*** CRISTIANE HERRES TERRAZA	202-209
O cinema e o desenho de Manuel Matos Barbosa ANTÓNIO MANUEL DIAS COSTA VALENTE	***The movies and the drawing of Manuel Matos Barbosa*** ANTÓNIO MANUEL DIAS COSTA VALENTE	210-216
El sol, el viento, la lluvia y el pintor. La naturaleza y el azar como agentes creadores en la pintura de Lucio Muñoz JOSÉ MANUEL GARCÍA PERERA	***The sun, the wind, the rain and the painter. Nature and chance as creative agents in Lucio Muñoz's painting*** JOSÉ MANUEL GARCÍA PERERA	217-223
2. *Gama*, instruções aos autores	***3. Gama, instructions to authors***	226-250
Condições de submissão de textos	***Submitting conditions***	226-228
Manual de estilo da *Gama* — meta-artigo	***Style guide of* Gama *— meta-paper***	230-239
Chamada de trabalhos: VI Congresso CSO'2015 em Lisboa	***Call for papers: VI CSO'2015 in Lisbon***	240-242

O cinema e o desenho de Manuel Matos Barbosa

The movies and the drawing of Manuel Matos Barbosa

ANTÓNIO MANUEL DIAS COSTA VALENTE*

Artigo completo submetido a 26 de janeiro e aprovado a 31 de janeiro de 2014.

*Portugal cineasta e artista plástico. Docente doutorado no Departamento de Comunicação e Arte na Universidade de Aveiro. Dirige o festival "AVANCA — Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia".

AFILIAÇÃO: Universidade de Aveiro, Departamento de Comunicação e Arte, campus universitário de Santiago, 3810-193 Aveiro. E-mail: avalente@ua.pt

Valente, António Manuel Dias Costa (2014) "O cinema e o desenho de Manuel Matos Barbosa." *Revista Gama, Estudos Artísticos*. ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725. Vol. 2 (3): 210-216.

Resumo: O filme "A ria, a água, o homem" é o pretexto para olhar para o autor Manuel Matos Barbosa, conhecer traços singulares da sua vivência e descobrir-lhe a obra e o hiato da sua produção. Relacionam-se filmes, tempo e lugar com os desenhos que, sendo geradores da complementaridade lápis/câmara, parecem estar sempre presentes.
Palavras chave: desenho / cinema de amadores / documentário / animação.

Abstract: *The film "The lagoon, the water, the man..." is the opportunity to look at the author Manuel Matos Barbosa, to know natural features of his experience and discover his work and the gap of his production. Movies, time and places are related to the drawings that seem to be always present, as they create the complementariness between the pencil and the camera.*
Keywords: *drawing / amateur film / documentary / animation.*

Introdução

A estreia do filme "A ria, a água, o homem" mostrou uma obra de animação, que quase se substitui pela urgência de falar de um filme-desenho, de tal forma este é avassalador.

Filme documental, construído como um caderno de desenhos: intenso, severo, marcado pelo olhar atento, habituado, compenetrado e suculentamente límpido

no sorriso e no desejo. Cada minuto do filme poderá ser o tempo de contemplação e entranho na imagem antes de virar a página e cair sobre o subsequente.

O espaço, público e aberto, tem nos traços uma geometria de perfeito ar livre, de quem vive algo que bem conhece. Todos os desenhos da obra são figurações de espaços maioritariamente paisagísticos.

O percurso de chegada ao filme é um caminho entre a história do cinema de amador português e o pioneirismo nos anos 60/70, com a animação a juntar-se e a marcar o conjunto dos filmes desse tempo. Manuel Matos Barbosa foi um dos primeiros cineastas portugueses a trazer o desenho para o movimento do cinema amador e daí acompanhou décadas de cinema e de desenho numa vida pautada pela complementaridade do lápis e da câmara.

Em 2010, "A ria, a água, o homem" estreou nos ecrãs dos festivais de cinema, mas também nos auditórios de espaços museológicos onde os desenhos do filme e as memórias dos outros filmes marcaram presença e expressão de mostra de arte. Entre as artes plásticas e a arte cinematográfica, parece que este filme encontrou rapidamente o seu lugar.

Mas a meta parece ser o procurar nas imagens cinematográficas as marcas de um percurso, de um jeito, de uma construção mental e da latência de preocupações gráficas. Procurar é o desafio que os desenhos permitem num filme marcado pela passagem de vários tempos, sem para eles parecer olhar demasiado, sem se preocupar com as suas existências e sem se moldar aparentemente a uma qualquer dominância externa.

Matos Barbosa tem 78 anos e voltou à realização de animação depois de 29 anos de interregno. Os desenhos, após 1999, têm estado sempre por aí.

1. Um tempo

Parece que os traços de vida serão capazes de se reverem no que fica mais directamente resultante dela mesma. O terminar obra parece ser a forma mais emissível de dar percepção á vivência de décadas de um autor. A expressão surge perceptível aí, ultrapassa a barreira do infinitamente envolto na penumbra do pessoal, do não visível.

A obra terminada parece ser a obra mostrada, compartida, é algo que passa a fronteira do abrir a porta e deixar que outros olhares, outros interesses e outras sensibilidades lhe deixem cair os olhos em cima. É obra por isso mesmo, porque se mostra, porque marca presença, porque entra para o mundo do identificável, quantificável.

Mas parece que a obra não tem sempre a mesma forma, o mesmo nascimento, a mesma gestação. Parece até que obra é obra quando se individualiza, força

Revista Gama, Estudos Artísticos. ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725. Vol. 2 (3): 210-216.

autonomia e singularidade. Surge porque existe, mas surge porque um histórico a permite surgir.

De uma obra e de um histórico se tratará, na certeza de que a dupla existência visível em ecrã e em bilhete de identidade parece justificar e carimbar a passagem da probabilidade à evidência.

O histórico do homem Manuel Matos Barbosa e a obra de imagens, movimento e sons intitulada "A ria, a água, o homem...", são a partida para este debruçar sobre as interceptações de ambos.

O tempo contado, passado, não relevante, estará sempre por perto e acompanha tudo. O tempo e o espaço, como sempre, como parece ser sempre.

2. Manuel Matos Barbosa

Nasceu em Oliveira de Azeméis em 1935 e até 1951 por ali fica, ali se prepara para dar continuidade ao comércio da família, mas é também ali que estuda. Diz que "Por aqueles anos, Aveiro era o local onde se faziam exames e por isso um pouco mal olhado" (Valente, 2010: 23)

Oliveira e Aveiro serão cidades chave no seu percurso.

Em Oliveira de Azeméis, o Cinema Caracas e o cineclube local marcaram a sua aproximação aos filmes.

> [...] *tudo terá início com a feliz coincidência de que o futuro cineasta tinha como vizinho o dono dos cinemas de Oliveira de Azeméis, que não tinha filhos. Como tal, era ele que acompanhava a esposa do dono ao cinema para esta não estar sozinha.* (Castro, 2013: 41)

> [...] *por volta dos anos 50 surge o cineclube de Oliveira de Azeméis onde, "por ter o bichinho já no corpo", aderiu, tendo mais tarde sido seu dirigente* (Castro, 2013: 41)

Em 1956 inicia o seu "Serviço militar em Aveiro no R.C.5 e tudo se modifica. A cidade é, apesar do tempo que se vivia, uma agradável descoberta...". (Valente, 2010: 23)

Aveiro é sobretudo o espaço onde passa a conviver com Vasco Branco, onde inicia um percurso de cineasta amador, onde conhece outros cineastas, constrói amizades, aprofunda técnicas e mergulha em debates por entre as questões estéticas, sociais e políticas.

Em 1958 compra a sua primeira máquina de filmar, iniciando-se com os seus primeiros documentários. Os anos 60 e 70 seriam marcados por sucessivos filmes e pela militância no movimento do cinema amador (nomeadamente como

dirigente da Federação Portuguesa de Cinema de Amadores e na organização em Aveiro do "1º Congresso do Cinema Amador Português").

Paralelo ao cinema, o desenho nunca esteve longe. Entre os finais de 40 e os anos 50, o gosto pelo desenho prolonga-se no cinema de animação, onde a influência de Disney era óbvia.

"Era na altura inclusivamente um sonho para o realizador poder ir para os Estados Unidos da América desenhar, fazer cinema de animação". (Castro, 2013: 41)

É em 1961 que Matos Barbosa inicia a sua experiência no cinema de imagem-a-imagem, com "Exp.1", a que se seguiram "O grande desafio"(1963), "Poker"(1964), "Toiros e... fantasia"(1965), "A.E.I.O.U."(1967) e "A prenda"(1968).

Após um interregno, volta à animação em 1973 com "O pedestal" e "Diálogo"(1975) e sobretudo participa no Cinanima, um festival de animação em Espinho a que assiste ininterruptamente até aos dias de hoje. Em 1978 é mesmo membro do júri de pré-selecção deste festival, o que virá a acontecer durante vários anos.

O seu último filme é "Corridinho", uma animação de 1981, iniciando-se um longo hiato na realização cinematográfica, até vários anos após a entrada do séc. XXI.

O desenho foi crescendo, começou a publicar banda desenhada (BD) nos jornais da sua terra após 1984 e publicando os seus primeiros álbuns de BD em 1998. Um ano depois inaugura a sua primeira exposição de desenho e pintura, tinha já 64 anos.

A passagem do século parece ter sido marcada com um maior investimento no desenho, sucedendo-se as exposições e as ilustrações. Paralelamente a sua presença em festivais de cinema como membro de júris é quase constante.

O desenho animado volta a surgir. Primeiro em 2005 como assistente de realização do decano da animação portuguesa, o cineasta Artur Correia, na série de animação "Histórias a passo de cágado" (série de animação para televisão que foi igualmente a primeira série de produção europeia a surgir num telemóvel). Depois em 2009/2010 com o retomar da realização através do projecto "A ria, a água, o homem...".

3. O filme

"A ria, a água, o homem..." é uma curta-metragem de desenhos animados, de cerca de 5 minutos.

Revista Gama, Estudos Artísticos. ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725. Vol. 2 (3): 210-216.

Este filme, que surgiu de uma exposição que Matos Barbosa fez com os seus desenhos, ilustra as actividades que a Ria de Aveiro oferece ao homem, sendo elas a pesca, a agricultura, a exploração salineira, a apanha do moliço, etc. (Castro, 2013: 45)

Procurando tudo ligar, um texto de Raúl Brandão (retirado da sua obra "Os pescadores"), percorre o filme transportado pela voz inconfundível do actor Joaquim de Almeida.

A toada sonora é construída num ritmo sereno, quase contemplativo, mas nem assim menos incisivo ou participativo. A voz parece surgir entrelinhada, quase dialogante com as imagens e movimentos, consubstanciando uma energia contínua a que a música de Debussy dá, o que parece ser, o necessário complemento.

O filme é um documentário.

Percorre-se um espaço aberto, de luz e pequenas aragens, recriado em sucessivos desenhos e quase só pequenos movimentos. É a Ria de Aveiro — dando mote à aparente imobilidade perceptível, quase forçada pela representação gráfica dos grandes espaços de conjunto. "Paisagem" poderia ser o nome de quase todos os desenhos que integram o filme.

A imagem, resultante de camadas de desenhos, entre a imobilidade e os pequenos movimentos, tem a omnipresença de um traço identificável, comprometido com uma figuração que parece ser sobretudo criadora de certos "retratos". Mas o compromisso com a realidade não parece ser fotográfico e as suas raízes aproximam-se bem mais do espaço figurativo da gravura. O traço e os conjuntos de traços são cruciais na construção de cada desenho e o desenho é o que verdadeiramente edifica a imagem do filme.

Entre um caderno de desenhos e um filme de desenhos, o espaço de opção é quase inexistente.

Será sobretudo uma questão de suporte e só depois parece vir o tempo de criação que nessa oportunidade se abre. O cinema parece apelar ao que o desenho criou.

4. O espaço entre o autor e a obra

O cinema de Manuel Matos Barbosa é obra do sítio dele.

Ele ali contou a passagem dos anos entre a casa/trabalho (Oliveira de Azeméis), tempo livre (Torreira, Ria de Aveiro) e os amigos (Aveiro, Espinho). Um triângulo que se formatou e ganhou forma de representação quase geográfica no seu extenso espaço lagunar, a dois passos do mar: a Ria de Aveiro.

De Oliveira de Azeméis, perscruta o mar entre as colinas da sua terra; da

Torreira ocupa o ponto de vista das vagas alteradas do mar, para espreitar no outro lado, a calma da Ria.

É aqui que o tempo lhe permite descobrir o espaço, conhecer cada entreacto e entregar-se à contemplação, percepção, participação e intervenção.

A ria tem pedaços que Matos Barbosa conhece bem (fruto natural do tempo e da repetição), por isso pode traçar convictamente o preto sobre o branco suporte. A ideia é que o desenho seja um "espelho lunar" (porque transformador), da pequena descoberta que acompanha um saber maduro.

Na verdade, Matos Barbosa parece criar onde ele mesmo se criou. "... eu sou um adorador da Ria, cada dia descubro coisas novas...". (Castro, 2013: 16)

O filme "A ria, a água, o homem..." parece ter aqui a sua génese, muito para além da exposição de desenhos onde o cineasta diz ter nascido o filme.

A região parece ter um evidente e insubstituível papel. Parece estar preparada para colar a etiqueta "regionalista" a um autor que parece enaltecer constantemente o seu sítio e a sua região, que bem conhece.

Entre os limites da geografia enquanto marcadores de espaço, e as consoantes das expressões que consolidam a obra, "A ria, a água, o homem..." é um filme totalmente marcado pela identificação espacial. Os olhares e as acções sociais, económicas e culturais, são planos que parecem complementares ao desenho de paisagem, saído do cavalete que esperou o raiar do dia, para se impor em toda a sua extensão.

Entretanto, mergulhando nos anteriores filmes e procurando pistas de percepção de percurso, os documentários reafirmam esta presença espacial em filmes como "Moliceiros"(1961) e "Companha"(1967). Em certa medida, "A ria, a água, o homem..." tem nestas obras um antecedente que agora mapeia desenhos onde antes estaria a imagem real.

Mas é no seu restante cinema, no que se socorre da animação, que nos confrontamos com uma obra de preocupações e questões universais que ultrapassam os limites da geografia regional. Filmes como "O pedestal"(1973) ou "Diálogo"(1975), são disso exemplo. As suas histórias podiam-se repercutir nos cinco continentes e com as mais diversas condicionantes. Aqui, só o sítio de produção é comum a todas estas obras.

Conclusão

"A ria, a água, o homem..." retoma quase tudo: o cinema porque este é um filme, o desenho porque este é matéria construtiva/criativa, a animação pelo género/técnica e finalmente esta obra deixa o cineasta onde sempre andou: o seu sítio.

O espaço e o tempo têm aqui relevância e hiato, como se não fosse preciso

Revista Gama, Estudos Artísticos. ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725. Vol. 2 (3): 210-216.

nada mais para dar unidade a quase três décadas de separação. Mas é... no caso de Manuel Matos Barbosa o desenho foi sempre o que esteve de permeio.

Referências

Castro, Ana (2013) *Aveiro, um espaço com história no cinema: o Grupo de Aveiro.* Aveiro: Universidade de Aveiro.

Valente, António et all (2010) *A ria, a água, o homem — o cinema de Manuel Matos Barbosa.* Avanca: Edições Cine-Clube de Avanca. ISBN: 978-972-99733-8-3

Valente, António Manuel Dias Costa (2014) "O cinema e o desenho de Manuel Matos Barbosa." *Revista Gama, Estudos Artísticos.* ISSN 2182-8539, e-ISSN 2182-8725. Vol. 2 (3): 210-216.